subtrópicos

REVISTA DA EDITORA DA UFSC | JULHO 2014

#10

As lições de Arlt para o jornalismo • Saudades de Cingapura: um comentário • No Iraque, a revolta anunciada • Discurso e prática verdes • Brizola presente • A arte da tragédia • (Des)Orientação psicodélica • Business e volantes • Fotografia: Ayrton Cruz

editora ufsc

PRAÇA FLORIANO, CINELÂNDIA, ANOS 1920

As lições de Arlt para o jornalismo

As observações e os relatos do autor de Os sete loucos, *feitos no Rio de Janeiro, em 1930, para o diário* El Mundo *de Buenos Aires, têm muito a ensinar aos correspondentes estrangeiros atuais*

ELIAS MACHADO

As crônicas sobre o Rio de Janeiro publicadas pelo jornalista e escritor Roberto Arlt (Buenos Aires, 1900-1942), em 1930, no diário *El Mundo* e relançadas em livro em 2013 (*Aguafuertes Cariocas*) pela editora Adriana Hidalgo são um convite para refletir sobre o trabalho dos correspondentes estrangeiros, muitas vezes, como Arlt, então com 30 anos, enviados para o exterior sem a devida formação. Entre as lições para o Jornalismo que podemos retirar da leitura das crônicas de Arlt, destaco ao menos quatro: 1) evitar o deslumbramento com o desconhecido; 2) policiar-se contra uma visão etnocêntrica a partir do sua própria cultura; 3) preferir as descrições objetivas às opiniões preconceituosas e 4) apurar os fatos com parcimônia antes de emitir juízos de valor descontextualizados.

Como costuma acontecer ainda hoje com os jovens correspondentes, quando chegou ao Brasil no dia 2 de abril de 1930, mesmo que já tivesse publicado o aclamado romance *Os sete loucos* e fosse conhecido do público, Roberto Arlt nunca havia saído da Argentina. A falta de experiência do jornalista fica evidente no tom deslumbrado das primeiras crônicas que envia para *El Mundo*. Encantado com a beleza da paisagem da cidade, com as montanhas, com a arquitetura das casas construídas nas encostas dos morros e com as formas estonteantes das mulheres brasileiras, Arlt, entre fascinado e atônito, conclui: "dei uma pálida ideia do que é o Rio de Janeiro... o Diamante do Atlântico" (p.18).

O encantamento de Arlt tinha os dias contados porque, como sabemos, a complexa realidade das ruas nunca será compatível com uma visão idílica do mundo e das pessoas. O próprio Arlt, como que prevendo a estupefação dos seus leitores, justifica-se dizendo que pouco se importava das causas históricas da urbanidade dos brasileiros: "La história me importa un pepino. Que hagan la história los otros. Yo no tengo nada que ver con la literatura ni el periodismo. Soy un hombre de carne y hueso que viaja, no para hacer literatura en su diário, sino para anotar impresiones". (p.31)

DO PARAÍSO PARA O INFERNO

Na segunda semana na cidade, Arlt manifesta os primeiros sinais no movimento que oscila da visão extasiada da chegada para um sentimento de crescente insatisfação, reforçado por uma atitude nada recomendável a um repórter: o julgamento da realidade alheia a partir da referência de que a sua própria é a melhor, de que seu país é o paraíso na terra. E na medida que o tempo passava este sentimento aumentava e, aos poucos, Arlt renegava a promessa feita na primeira nota, quando ainda estava em Buenos Aires, de partida para o Uruguai: "iré a ver esos países, sin prejuícios de patriotismo, sin necesidad de hablar bien para captarme la simpatia de la gente" (p.13). A verdade era que Arlt pouco conhecia o Brasil, como fica evidente nesta mesma nota, uma vez que viajando para o Rio de Janeiro, capital com dois milhões de habitantes, antecipa que ao mesmo tempo visitará as selvas do país e conhecerá este paraíso tropical.

Até o final da temporada no Rio de Janeiro, que se prolonga até 29 de maio, Roberto Arlt encontra em cada espaço conhe-

ELIAS MACHADO (Cacequi, RS, 1966) é professor no Departamento de Jornalismo da UFSC.

EXPEDIENTE

subtrópicos
REVISTA DA EDITORA DA UFSC JULHO 2014 #10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Reitora **Roselane Neckel**
Vice-Reitora **Lúcia Helena Martins Pacheco**

EDITORA DA UFSC
Diretor Executivo **Fábio Lopes da Silva**
Conselho Editorial
Fábio Lopes da Silva (Presidente)
Ana Lice Brancher
Andréia Guerini
Clélia Maria de Mello Campigotto
Fernando Jacques Althoff
Ida Mara Freire
Luis Alberto Gómez
João Luiz Dornelles Bastos
Marilda Aparecida de Oliveira Effting

Editor **Dorva Rezende**
Planejamento gráfico **Ayrton Cruz**
Foto da capa **Ayrton Cruz**
Revisão **Aline Valim**
Gráfica **Copiart**
Tiragem **1,5 mil exemplares**

Acesse a versão eletrônica da Subtrópicos no *site* da Editora da UFSC — www.editora.ufsc.br

editora ufsc

Campus Universitário — Trindade
Caixa Postal 476
88010-970 — Florianópolis/SC
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686
Fax: (48) 3721-9680
editora@editora.ufsc.br
www.editora.ufsc.br
www.facebook.com/editora.ufsc

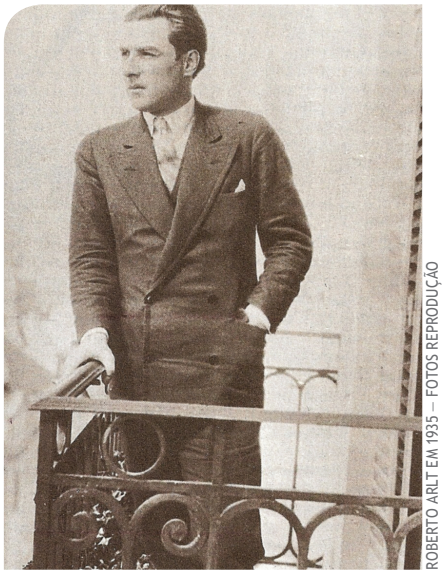
cido, como o Jardim Zoológico, por exemplo, ou na cena comentada como os detalhes da viagem de trem pela serra de Petrópolis, um pretexto para, em exercício comparativo, defender as vantagens de se viver em Buenos Aires. Em cada crônica que escreve para afastar o aborrecimento com as condições monótonas de vida na cidade, Arlt se revela, como constata o organizador do livro Gustavo Pacheco, um "argentinófilo", orgulhoso de sua cidade natal, que adverte que "es necesario haber vivido em Buenos Aires y después salir de ella para saber lo que vale nuestra ciudad". (p.7)

NO MUNDO DAS APARÊNCIAS

Se, na maioria das crônicas, descumpre a promessa de evitar os preconceitos, Roberto Arlt segue à risca a palavra de pouco se importar com a história dos países visitados, preferindo os comentários impressionistas, desprovidos da comprovação de uma atividade de apuração criteriosa. "Arlt escribe lo que quiere y como quiere, incluyendo opiniones abiertamente prejuiciosas, racistas y sexistas", comenta Gustavo Barroso. (p.7) No período de encantamento, numa das poucas vezes em que compara positivamente o Brasil com a Argentina, Arlt sustenta que, enquanto em Buenos Aires se trata a mulher como um ser inferior, no Rio de Janeiro, "la mujer está acostumbrada a ser considera una igual del hombre" (p.33) Naquela época, a mulher era tão respeitada no país que sequer tinha direito a voto nas eleições, direito que somente seria conquistado depois da Revolução de 30, em 1934.

Para se burlar dos jornalistas brasileiros a quem concedeu diversas entrevistas tão logo chegou à cidade, Roberto Arlt sequer toma o cuidado de esconder a própria ignorância sobre a vida cultural no país. Ao contrário, vangloria-se do desconhecimento porque nada poderia ser mais absurdo do que lhe exigir que conhecesse um escritor como Castro Alves, de quem nunca lera nada. A partir da realidade de Buenos Aires, em que o único trabalho que estava destinado para os negros era o de ordenança, Roberto Arlt, ao mesmo tempo que constata as infernais condições de trabalho dos negros brasileiros, destila todo o seu preconceito com esses trabalhadores.

Para quem conhece o centro do Rio de Janeiro e a área da Praça da Cinelândia é, no mínimo estranho, que Arlt conteste de modo grosseiro o próprio diretor, Carlos Muzio Sáenz Peña, que solicitara que tratasse dos museus, de conservatórios de música, cafés, teatros e até mesmo da vida íntima dos periódicos. Como Roberto Arlt pode ter passado ao largo da Biblioteca Nacional (1910), a mais importante da América Latina, do Teatro Municipal (1909) e do Museu Histórico Nacional (1922), para citar apenas três casos emblemáticos, e do Conservatório Nacional de Música, que existia desde 1841? A resposta é simples, e o próprio Arlt a confessou: estava cego pelos preconceitos.



ROBERTO ARLT EM 1935 — FOTOS REPRODUÇÃO

A DESCRIÇÃO DOS FATOS COMO EXCEÇÃO

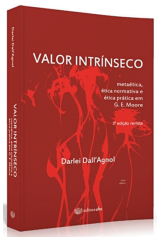
Quando faz o dever de casa e descreve os fatos de forma objetiva, Roberto Arlt demonstra toda a potencialidade do jornalismo para subverter a compreensão naturalizada da realidade e o talento de um escritor capaz de reconstituições primorosas do ambiente das paisagens ou das ruas. Uma das crônicas mais objetivas é a em que Arlt realiza um trabalho que hoje definimos como jornalismo de serviço, levantando os preços cobrados nos transportes públicos, pelos cigarros, dos lanches, do café, do engraxate, da cerveja e dos sorvetes para, ao final, concluir que era muito fácil para um argentino viver no Brasil.

Menos de uma semana depois da chegada, Arlt, ao descrever os pescadores em ação, pela primeira vez vai além da superficialidade do visitante encantado com as novidades, evidenciando a vida miserável destes brasileiros. O retrato feito das impiedosas condições de trabalho dos negros revela uma cidade partida em que, aos descendentes de escravos, eram reservados somente os postos mais brutais e mal remunerados, recusados pelos brancos ou imigrantes. E, para os trabalhadores em geral, comparada a situação de vida com a de Buenos Aires, tampouco o quadro era menos sofrível.

Escritor talentoso, com obras como o romance *Os Lanzallamas*, precursoras ao problematizar a vida urbana dos subúrbios da capital argentina e na utilização do lunfardo, o dialeto predominante na capital bonaerense, Arlt publicou ainda várias peças de teatro social como *Saverio el cruel*, contos e suas célebres crônicas de viagem, como as *Aguafuertes cariocas*. Admirado por autores como Júlio Cortázar que o considerava um dos melhores contistas argentinos, Arlt — mal comparando — foi uma espécie de Lima Barreto portenho, com as mesmas dificuldades na revisão das obras e nas falhas ortográficas dos textos. Politicamente nada correto, a linguagem empregada em suas crônicas está mais para um Nelson Rodrigues do que para um Machado de Assis ou Eça de Queiroz. ■

LANÇAMENTOS DA EDUFSC

LIVROS



Valor Intrínseco: Metaética, Ética Normativa e Ética Prática em G.E. Moore

autor: Darlei Dall'Agnol

No início do século 20, o jovem filósofo britânico G.E. Moore revitalizou a filosofia moral argumentando, no seu influente tratado *Principia Ethica* (1903), que todos os trabalhos anteriores de ética eram defeituosos, pois cometiam um erro sério — a falácia naturalista. A validade da acusação de Moore permanece sendo discutida até hoje. No começo do século 21, é bom dar as boas-vindas a este trabalho feito pelo filósofo brasileiro, Darlei Dall'Agnol, que apresenta um modo radicalmente novo de pensar sobre o trabalho de Moore, incluindo a construção de uma versão supostamente válida do argumento da falácia naturalista. Um trabalho muito promissor que melhora nossa compreensão tanto da obra de Moore quanto da ética.

Experimentação na Educação em Química: Fundamentos, Propostas e Reflexões

autores: Fábio Peres Gonçalves e Marcos Aires de Brito

O livro oferece fundamentos, propostas e reflexões sobre a experimentação no ensino de Química, especialmente para a educação superior. Discutem-se questões como a experimentação e sua relação com a aprendizagem, as várias abordagens metodológicas para experimentos de Química Geral na educação superior e a experimentação no ensino de Ciências articulada à formação docente.

O Homem e os Animais: Poemas de Umberto Saba

organização: Patricia Peterle e Lucia Wataghin

tradução: Aurora Fornoni Bernardini

Vários animais, sobretudo voláteis, povoam a poesia de Umberto Saba: o presente volume reúne, além de alguns célebres poemas isolados que tematizam a relação do homem com o animal, os quatro breves últimos livros do poeta, em que o tema se faz cada vez mais presente e significativo. Há certamente muito a descobrir relendo a poesia de Saba à luz dessa atração pelos animais enquanto representantes da vida instintual, fundamental, contraposta à vida racional e às suas proibições e limites à liberdade e à verdade dos desejos e dos amores.

NOTAS UNIVERSITÁRIAS

- No dia 11 de agosto, começa a Feira de Livros da EdUFSC, no Centro de Convivência da UFSC. O evento segue até o dia 11 do mês seguinte.
- Todo o catálogo da Editora estará à venda com até 70% descontos. No caso de livros de outros selos, o desconto é de 30%.

Saudades de Cingapura: um comentário

Mesmo reconhecendo, como Bronowski, que a linguagem do cientista não partilha as mesmas imagens com a linguagem cotidiana, não devemos desconfiar da competência e voltar as costas à especialização

FERNANDO DIAS DE ÁVILA-PIRES

O divórcio entre a UFSC e a cidade não é um fenômeno unívoco. Há, também, um fosso entre as instituições políticas e o povo, entre o cinema *cult* e os apreciadores de uma boa história, entre a literatura erudita e os leitores da editora Farwest, entre os frequentadores dos museus de Belas Artes ou salas de concertos e aqueles que preferem exibições e eventos mais populares. Há gostos e lugares para todos.

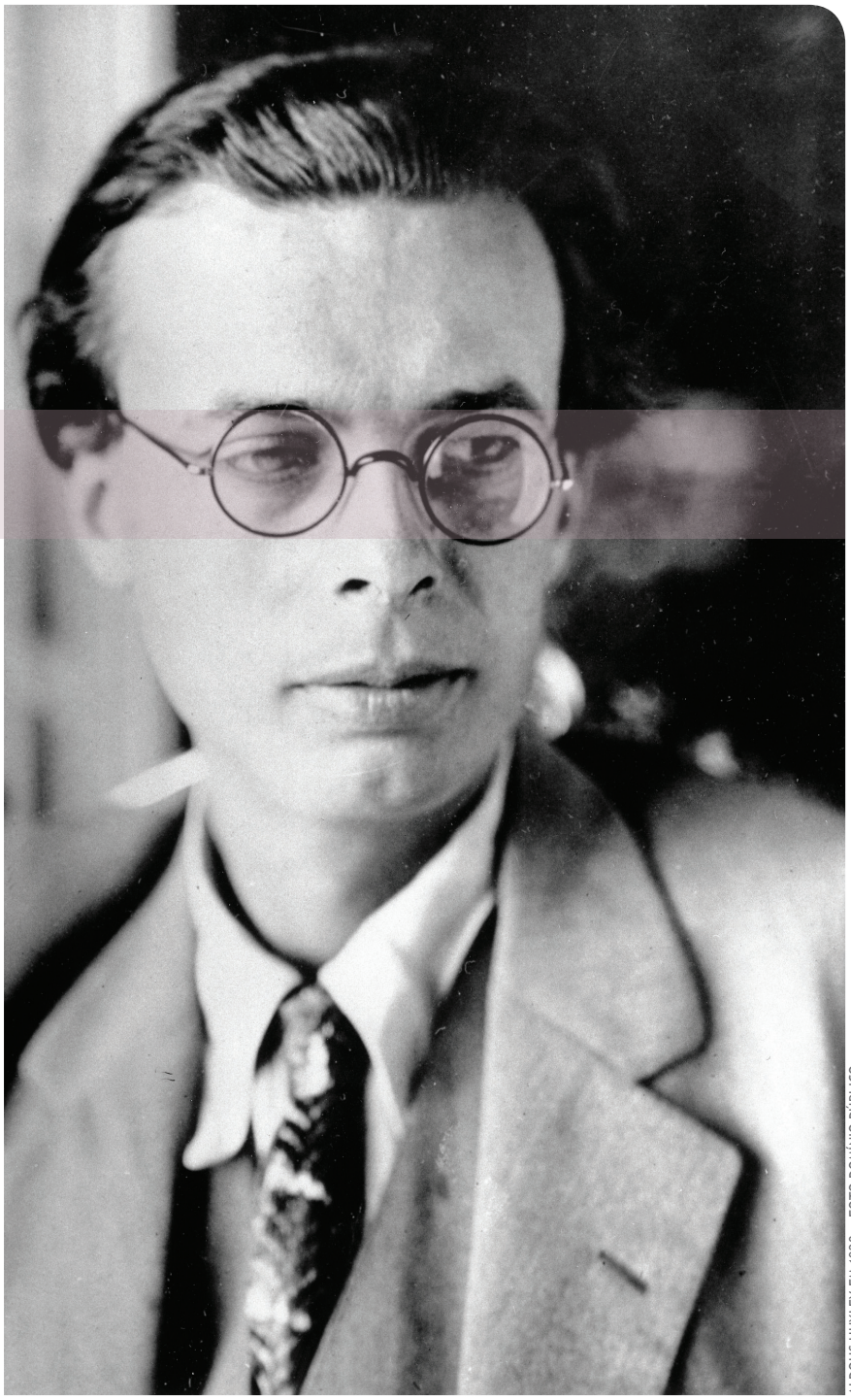
Jacob Bronowski, em *Um sentido do futuro* (1977), já reconhecia que "a linguagem do cientista de hoje não partilha as mesmas imagens com a linguagem cotidiana; por isto está tão limitada quanto a do poeta ou do pintor modernos. O público não entende nenhuma delas, e tem medo de todas". Mas isso não significa que devemos desconfiar da competência e voltar as costas à especialização. Foi esta que, a partir de Descartes, abriu as portas ao futuro do conhecimento científico e humanístico e superou a ignorância dogmática medieval.

Discordo da afirmação de que a competência, na Universidade, seja a responsável pelo problema e, principalmente, de que o especialista é alguém que, no dizer popular reducionista, "sabe cada vez mais sobre cada vez menos". Concordo, por outro lado, com Aldous Huxley quando escreveu, em *Contraponto* (1928), que "o olho da meditação pode ver através de todo e qualquer objeto e enxergar, como através duma janela, o cosmo inteiro".

O discurso acadêmico não é autista. É graças à atividade acadêmica que a expectativa de vida no Brasil, que era de 42,7 anos em 1940, atingiu o patamar de cerca de 74 anos nos dias atuais; que reduziu-se a mortalidade infantil e perinatal e alcançou-se sucesso no tratamento e controle das muitas doenças que nos afligem e que causaram a morte de nossos pais; que nossos pais não saberiam operar a maior parte dos eletrodomésticos, dos celulares que deixam o rádio de pulso dos quadrinhos de Dick Tracy para trás, dos *Ipods* e *Ipads* já disponíveis às classes C e D; que não sonhavam em voar para a Europa em 11 horas nos modernos aviões de 500 passageiros ou assistir à Copa do Mundo em tempo real, em cores e em telas de 50 polegadas; em acessar, em casa, os textos originais da literatura clássica e as apresentações artísticas mundiais ao alcance de um toque dos dedos.

É também verdade que eu, com meu doutorado, não me arrisco mais a abrir o capô do meu carro, e há muito dispensei a antiga caixa de ferramentas que me socorria nas panes frequentes de antigamente. Mas agradeço aos especialistas que produzem os automóveis modernos, mais seguros e confiáveis, assim como àqueles que tornam nosso estilo de vida atual mais confortável e longevo.

Como diz o Macaco Simão, "nóis sofre mais nóis goza!"



ALDOUS HUXLEY EM 1928 – FOTO DOMÍNIO PÚBLICO

FERNANDO DIAS DE ÁVILA-PIRES (Niterói, 1933) é doutor em Zoologia, professor aposentado do Departamento de Medicina Tropical do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, e autor de, entre outros livros, *Princípios de Ecologia Médica* (EdUFSC, 2000).

No Iraque, a revolta anunciada

A intervenção militar dos Estados Unidos de George Bush e de seus aliados europeus produziu uma situação explosiva cujo caminho para uma possível pacificação, por ironia, passa por Teerã

AL JAZEERA — FOTO DIVULGAÇÃO

BERNARDO DE AZEVEDO BRITO

As notícias dos últimos dias nos dão conta de que as forças do Estado Islâmico no Iraque e no Levante (ISIS na sua sigla em inglês) progridem na tomada de novas cidades e de novos pontos estratégicos ao norte do Triângulo Sunita, bem como no coração mesmo daquela região, que marca os centros de poder das populações sunitas do Iraque. Em dezembro do ano passado, Falluja e parte de Ramadi já haviam caído em poder do ISIS, sem que as unidades do exército iraquiano, sob o controle de um governo de Bagdá dominado pelos xiitas, se mostrassem em condições de desalojá-las. Seguiram-se a queda de Mosul, não longe da fronteira com a Síria, a tomada de Tikrit, onde nascera Saddam Hussein, a perda de Tal Afar, o cerco da refinaria de Baiji e os avanços na província de Dyala, já nas proximidades de Bagdá. O que se tem observado, num reflexo da contaminação do Iraque pela revolta das populações sunitas da Síria, era praticamente inevitável, pois as tribos sunitas do oeste e do centro do Iraque encontraram no país vizinho inspiração e apoio. Os ventos vindos do oeste estariam ajudando, assim, a exportar para o Iraque a Primavera Árabe, que medrara na Síria como resultado da rebelião da maioria sunita contra um regime despótico e cruel.

Os sunitas iraquianos, que desde dezembro de 2010 se sentiam traídos por entenderem que o primeiro-ministro Nouri al-Maliki não havia cumprido o compromisso de participação efetiva do grupo no governo iraquiano que então se formara, ficaram nos últimos meses com renovada motivação para exigir presença no centro das decisões de Bagdá. Os encapuzados das forças do Estado Islâmico no Iraque e no Levante, que se propõem a instalar um califado sunita abrangendo territórios tanto da Síria como do Iraque, numa redefinição da partilha resultante do Acordo Sykes-Picot da Primeira Guerra Mundial, aparecem em primeiro plano nas imagens que nos chegam do Iraque, mas, se a unidade do país corre perigo neste momento, é porque as milícias do ISIS estão capitalizando sobre os ressentimentos de uma minoria sunita que Maliki não soube ou não quis cooptar para um governo de unidade nacional. Estão capitalizando, também, sobre velhas ambições de criação de uma grande entidade sunita que se estendesse do Eufrates à margem oriental do Mediterrâneo. O risco que representava a alienação da minoria sunita do Iraque, agravada pelas novas dimensões da clivagem do Oriente Médio entre sunitas e xiitas, era de conhecimento público, surpreendendo apenas que os últimos quatro anos tivessem passado sem que o primeiro-ministro iraquiano se conscientizasse da necessidade de um ajuste de rumos.

Quando vemos que os Estados Unidos cogitam agora encontrar no Irã um parceiro para a pacificação do Iraque, fica patente a urgência que Washington dá à preservação do seu projeto para o país. A ironia da notícia não pode, entretanto, deixar de ser registrada, pois o quadro político atual de Bagdá é reflexo direto da interferência de Teerã na maneira pela qual Nouri al-Maliki conseguiu, em dezembro de 2010, ser reconduzido para mais um mandato de quatro anos à frente do governo iraquiano. Conforme registrei no livro *Iraque, dos primórdios à procura de um destino*, em outubro daquele ano, o regime dos aiatolás forçou o clérigo Moqtada al-Sadr, que vinha se opondo à recondução de Maliki, a fazer uma mudança radical de posição e passar a exigir a sua permanência no poder. Com isso, as três principais correntes políticas xiitas do Iraque se uniram, ficando o autoritário Maliki em condições de dispensar na prática o apoio sunita (e também curdo) na administração do país. Não é, pois, sem razão que, no livro mencionado, escrevi que, para escapar ao risco do domínio do Iraque por um Saddam xiita, nada melhor seria do que, em face de eventual divisão entre os xiitas, estes últimos, pela falta de coesão do grupo, não pudessem governar sem o apoio das minorias sunita e curda. Seria essa a melhor maneira de preservar a democracia no Iraque.

Como os xiitas são maioria no Iraque, é praticamente inevitável que, em futuro próximo ao menos, o poder que conquistaram em consequência da derrubada de Saddam Hussein, em 2003, continue em suas mãos se a unidade do Iraque for preservada — como seria ainda possível, a meu ver, à base da flexibilidade assegurada pela Constituição de 2005, que permite que províncias e regiões assumam a autonomia que, no norte do Iraque, já é exercida pela Federação Curda. Essa premissa, que favorece a manutenção do poder em Bagdá nas mãos dos xiitas iraquianos, é temperada, entretanto, pelo fato de que, enquanto os xiitas das nove províncias do sul do Iraque, com a sua enorme produção de petróleo, estão normalmente inclinados a apoiar a constituição, dentro do corpo político do Iraque, de uma região autônoma englobando o sul do país, os xiitas de Bagdá prefeririam a preservação do poder ora confiado ao governo central.

Como resultado das eleições parlamentares de 30 de abril último, a coalização Estado de Direito, de Maliki, saiu vitoriosa, sem alcançar, contudo, a maioria em virtude da divisão dos xiitas, com os opositores do primeiro-ministro até agora pouco inclinados a lhe dar um novo mandato. Num primeiro momento, seria possível pensar que, mais uma vez, Teerã poderá intervir a fim de assegurar que se instale novamente, em Bagdá, um governo xiita "puro sangue". Se o fizer, terá mostrado, entretanto, não compreender a história. Pensando dessa forma, chegamos facilmente à conclusão de que, ao bater nas portas do Irã para encontrar a paz no Iraque, os Estados Unidos estão corretos, e a ironia se transforma em lógica. Seria uma contribuição resultante da consciência de que a estabilidade do Iraque, presumivelmente de importância maior para os aiatolás, exige em Bagdá uma composição política que não elimine o papel das minorias.

É muito possível que, como ocorreu no final de 2010, o destino do Iraque se encontre agora, em larga medida, nas mãos dos dirigentes de Teerã. Naturalmente, a exemplo do passado recente, quando "eleitores externos" exerceram influência considerável sobre o Iraque, a chave da estabilidade do país se encontre não apenas no Irã, mas também na Arábia Saudita dos wahabitas, pois a campanha de Riad em favor dos sunitas na Síria, e quiçá no próprio Iraque, não é de molde a contribuir para que os iraquianos, que há quase um século procuram encontrar a sua unidade nacional, possam encontrar finalmente o seu destino. Mais do que isso, seria necessário agora que todos os países da região se sentissem inclinados a favorecer condições que permitam ao Iraque voltar a ocupar a posição de poder regional, não para dominar, mas para assumir, ao amparo da Constituição de 2005, o papel de relevo que lhe cabe num Oriente Próximo seguro, democrático e próspero. ■

BERNARDO DE AZEVEDO BRITO (Rio de Janeiro, 1935) é embaixador aposentado, chefiou a Missão brasileira no Iraque de 2006 a 2011, publicando posteriormente o livro *Iraque, dos primórdios à procura de um destino* (EdUFSC, 2014).

FOTOS ANDREI KREPSKY DE MELO

Discurso e prática verdes

CARLOS ALBERTO MARQUES

Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Adélio Machado teve publicado recentemente pela Editora da UFSC o seu livro *Introdução às Métricas da Química Verde: Uma Visão Sistêmica*. Na obra, o professor repensa a natureza das transformações materiais que a Química opera, dentro de uma visão holística que leva em conta um modo mais sustentável para a produção e o emprego de substâncias. Nesta entrevista, realizada em junho deste ano, quando esteve em Florianópolis para proferir a palestra de lançamento do livro, no auditório do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Catarina, Adélio Machado fala sobre a ciência, o seu ensino, da abordagem sistêmica para o tratamento dos problemas contemporâneos e sobre como a Química Verde reformatou a química tradicional com o objetivo de se obter produtos químicos com menos impactos negativos no ambiente que os atuais.

Subtrópicos | Que diferenças substanciais se apresentam quando se pensa em uma ciência reducionista e uma ciência sistêmica? As especialidades estariam impedindo uma visão sistêmica?

Adélio Machado | A ciência reducionista é formatada segundo o *Discurso do Método* de Descartes. Baseia-se na evidência, recolhida por análise de partes cada vez menores do objeto em estudo, obtidas por seccionamento cada vez mais fino deste (reducionismo), e visa caracterizar as relações de causalidade entre partes de fenômenos, ou partes do objeto, que considera isoladamente, privilegiando as relações de natureza linear. O que conduz ao raciocínio linear. Em suma, para fazer previsões seguras, pratica a exaustividade de análise para obter um conhecimento completo daquilo que estuda, que no fundo é a busca pela compreensão do mundo, o objetivo global da ciência. Em contraste, a ciência sistêmica, surgida nos anos 40 do século 20 em estudos tecnológicos, foca a atenção nos aspectos dos sistemas complexos com interesse para o investigador, e onde a pertinência substitui a evidência da ciência reducionista. Este deve estar atento ao ambiente exterior do sistema, isto é, considerar o conjunto do sistema invólucro ambiental como um todo. Tal "globalismo" substitui o reducionismo do racionalismo cartesiano. Sua atenção é dirigida à compreensão do funcionamento do sistema para saber como ele cumpre a sua finalidade, bem como à agregação. Finalidade teleológica, que substitui a causalidade do raciocínio linear. E agregação no sentido das interrelações das componentes no todo. Ambas importantes para formular as representações simplificadas do sistema, que são modelos que capturam as características mais relevantes para o fim em vista, por exemplo, gerir o funcionamento para cumprimento do objetivo. A atenção especial às relações de agregação entre as componentes, que substitui a exaustividade de análise, é essencial para obter uma visão holística, porque estas relações são importantes para o todo, já que definem as propriedades sistêmicas, as que emergem deste. Tais relações são inexistentes nas componentes separadas. Claro que a especialização limita a visão holística dos problemas, dado que considera como "todo", "partes" cada vez menores, implicando numa visão reducionista que ignora o "todo".

Subtrópicos | Qual a maior limitação de uma e a virtude da outra?

Machado | A ciência reducionista só permite tratar adequadamente situações em que uma das relações causa-efeito predomine sobre as outras, exigindo que estas, se conhecidas, sejam fixadas a valores constantes — e ignorando as desconhecidas! Como a atenção é fixada em partes cada vez menores, perde-se a informação referente às relações com o invólucro ambiental. Assim, ignora-se o contexto, e o conhecimento obtido é limitado e afinal não completo. As sucessivas segmentações implicam que o

resultado seja condicionado pela pequena escala. A ciência sistêmica atende a todas as interações que influenciam o comportamento do sistema, incluindo as com o meio exterior, capturando informação sobre o contexto, a escala e o tempo, isto é, a evolução do sistema. O aperfeiçoamento do modelo inicial por sucessivas melhorias, feito com base em experiências para averiguar em que grau o modelo se ajusta ao sistema, permite melhorar a qualidade do conhecimento, sem pretensões de completude, só até onde for requerido ou possível, pois pode não atingir o nível desejável.

Subtrópicos | **Nas universidades europeias há uma abertura ou um crescimento da abordagem sistêmica ao se tratar dos problemas contemporâneos?**

Machado | Começo por acentuar que: 1) a situação não é homogênea, por exemplo, o ensino na maior parte das engenharias proporciona, em princípio, a formação de mentes com uma componente sistêmica mais desenvolvida que a das ciências físicas, que formata cérebros predominantemente reducionistas; 2) a progressiva setorização da atividade/especialização implica um "afunilamento" na apreciação das situações, fortalecendo a visão reducionista; 3) os dois hemisfério do cérebro humano são diferentes, um "trabalha" com relações lógico-matemáticas e é racionalista/reducionista, o outro "opera" manipulando imagens, sendo artístico/sistêmico. Como as aptidões de um indivíduo para os manejar são desequilibradas, cada campo de formação afeta diferentemente os diferentes indivíduos. Aliás, estes, se podem, escolhem a formação que requer mais a metade cerebral em cuja manipulação se sentem mais à vontade; 4) finalmente, quanto aos "problemas contemporâneos": o desenvolvimento da tecnologia tem acrescentado aos sistemas naturais sistemas artificiais que tornam o mundo um sistema cada vez mais complexo, com mais componentes e interações, de modo que os novos problemas que emergem estão se tornando cada vez mais complexos, porque mais sistêmicos. Em suma, a formação científico-tecnológica — mas não só — privilegia abordagens cada vez mais reducionistas, formando indivíduos menos preparados para resolver problemas mais sistêmicos! Em todo o mundo, não só na Europa. O ensino da ciência sistêmica não está ainda generalizado, pelo que a abertura para abordagens sistêmicas e sua aceitação são limitadas.

Subtrópicos | **Do ponto de vista dos estudos das questões ambientais, se pode ter esperanças de que uma abordagem sistêmica possa resultar em soluções mais apropriadas?**

Machado | Sim, sem dúvida, a quantidade de conhecimento já obtida por via sistêmica sobre as questões ambientais é importante, e as soluções obtidas para vários problemas, mesmo que parciais, suportam as referidas esperanças. Além disso, experiência variada mostra que a via reducionista não é adequada para tratar sistemas tão complexos como os ambientais e obter boas soluções para as questões que levantam, por exemplo, o paradigma do risco, reducionista, para resolver os problemas decorrentes da poluição não conduziu a soluções cabais, apenas os minorou.

"Em suma, a formação científico-tecnológica — mas não só — privilegia abordagens cada vez mais reducionistas, formando indivíduos menos preparados para resolver problemas mais sistêmicos! Em todo o mundo, não só na Europa. O ensino da ciência sistêmica não está ainda generalizado, pelo que a abertura para abordagens sistêmicas e sua aceitação é limitada."

Subtrópicos | **O senhor veio à UFSC lançar um livro sobre Métricas em Química Verde, conhecida como QV. Pode nos falar alguma coisa sobre seu livro e a relação deste tema com uma Ciência sistêmica?**

Machado | A QV não é mais que uma reformatação da química tradicional com o objetivo de se obter produtos químicos com menos impactos negativos no ambiente que os atuais. O termo impacto é usado aqui em sentido lato, incluindo desde o consumo intensivo dos recursos naturais que proporcionam as matérias-primas para a fabricação, até aos da poluição e resíduos, e subsequentes deteriorações da saúde humana e ecológica e dos diversos compartimentos ambientais, da biodiversidade etc. As reações químicas são bastante mais complexas do que a habitual visão reducionista dos químicos sugere. Estes olham para uma reação apenas como a transformação química, por xemplo, de dois reagentes no produto (reação do reagente 1 com o reagente 2 originando o produto), esquecendo que na maior parte dos casos se forma também um coproduto que, não tendo utilidade, constitui um resíduo — com custos de tratamento e deposição no ambiente. Além disso, para realizar a transformação química, são requeridos outros materiais — reagentes auxiliares, catalisadores, solventes, para não se mencionar ainda os recipientes usados como reatores. Estes materiais são imprescindíveis para se conseguir realizar a transformação química, mas os seus átomos não são incorporados no produto. Todos estes materiais, se não forem reciclados, acabam em resíduos, formados em grandes quantidades. Para se concretizar QV, estas quantidades têm de ser reduzidas — as reações têm de ser desmaterializadas. Tradicionalmente, a química era metrificada quase só pelo cálculo do rendimento de obtenção do produto — por uma única métrica. Em QV, para avaliar o grau em que se conseguem reduzir os materiais auxiliares, são exigidas métricas adicionais. Portanto, a dimensionalidade da metrificação aumenta, e esta passa a ser multidimensional. Desde os anos 1990, os químicos verdes foram introduzindo tentativamente variadas métricas para aferir a utilização da matéria, comumente chamadas "de massa", cada uma delas para medir numa dimensão (unidimensional). Este esforço conduziu a uma situação confusa, com métricas numerosas em jogo, algumas alternativas, outras redundantes, porque os químicos, com mente reducionista, descuraram a complexidade das reações. Esquecem que as dimensões não são independentes e a metrificação tem de atender a isto. De resto, para atenuar os impactos ambientais, tem de se dar atenção ao invólucro ambiental em que a química se insere e usar mais métricas para os avaliar, além das de massa, o que acrescenta mais dimensões à metrificação e exige sistemas de métricas mais elaborados. Em suma, os sistemas complexos que as reações químicas são exigem sistemas de metrificação complexos, com métricas que capturem informação nas numerosas dimensões envolvidas. Logo, a metrificação tem de ser sistêmica. O livro tem como objetivo realçar isto aos químicos, avançando com propostas de *design* e uso de baterias de sistemas de métricas e de métricas holísticas, isto é, novas métricas concebidas de raiz para avaliar o todo. Afinal, como químicos, não podemos ter um discurso verde e uma prática científica cujo resultado não o seja. ■

CARLOS ALBERTO MARQUES (Joaçaba, 1960) é coordenador da Pós- graduação em Educação Científica e Tecnológica do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC. Diretor da Divisão de Ensino da Sociedade Brasileira de Química, realizou pós-doutorado na Universidade Ca' Foscari, de Veneza, Itália (2010), sobre o tema da Química Verde na Educação Química Escolar.

FOTO ANTONIO CARLOS MAFALDA

Brizola presente

Os 10 anos da morte do líder trabalhista podem ter sido ocultados por quem tenta apagar a memória brasileira, mas a síntese que ele fez do que de mais original houve no pensamento político brasileiro necessita ser relida

JOÃO GABRIEL ALMEIDA

O cenário da esquerda brasileira é desolador. Vivemos as mágoas e o chororô das viúvas do PT, que ainda insistem em conferir-lhe alguma legitimidade. Muitas vezes não percebem que, desde FHC, estamos inseridos no petucanismo, termo cunhado pelo grande Giba Vasconcellos. Prova de que a sombra cadavérica do PT ainda nos assola, para além do amansamento dos movimentos sociais e sindicais, é que as duas principais legendas mais "de esquerda", PSOL e PSTU, não passam de reencenações frustradas do projeto petista. O primeiro como farsa, o segundo como negação purista.

No dia 21 de junho, dois eventos coincidiram: 96 anos do manifesto de Córdoba e 10 anos da morte de Leonel Brizola. Como já era de se esperar, os ideólogos trabalharam bem para que ambos fossem apagados da memória brasileira. Córdoba nos lembra o papel central da disputa da universidade para o desenvolvimento de um projeto autônomo de Nação; Brizola foi o fracasso mais vitorioso rumo a esse projeto.

Como bem nos lembra Vera Malaguti Batista, em sua *Introdução à Criminologia Crítica Brasileira*, houve na história contemporânea da política nacional um conflito entre duas vertentes da esquerda: primeiro com o embate entre o PTB e o PCB e depois entre PDT e PT. O modelo *Left ready to export* ganhou e fez todo o possível para apagar a história que surge na Revolução de 1930, passa pelo processo de industrialização brasileira, nacionalização do petróleo, suicídio de Vargas, reformas de base e termina na tentativa de retomada do fio da história pós-ditadura com o brizolismo. Tudo papo do passado, substituido pelo "neodesenvolvimentismo". As ruas estão anunciando um basta nessa política, e é hora de, em um ato benjaminiano, exumar os corpos esquecidos para se valer dos seus nutrientes.

Brizola foi um verdadeiro líder. Além de uma figura quase mítica em processos como a Campanha da Legalidade, quando isolou-se no Palácio Piratini e garantiu o retorno do presidente João Goulart, seu grande mérito foi conseguir fazer de seu nome a síntese do que de mais original houve no pensamento político brasileiro.

No plano da economia política, o pensamento de Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, que explicaram a Dependência, afirmaram como a dissimetria entre os países centrais e periféricos não é acidental, mas constitutiva do Capitalismo. Mostraram como o centro só pode ser rico se nós formos pobres e que, se ainda é possível uma vida "melhor" para a classe trabalhadora europeia e estadunidense, em países dependentes as reformas tão necessárias para o desenvolvimento nacional só são viáveis mediante um rompimento com o atual sistema econômico.

No plano da Segurança Pública e da Criminologia com Vera Malaguti Batista, Nilo Batista e Coronel Nazareth Cerqueira, o governo Brizola trouxe de forma pioneira questões centrais para o entendimento dos grandes centros urbanos: uma outra compreensão da favela e do Estado, graças à percepção de que as origens militares da atual Política de Segurança Pública e de como ela só serve para reafirmar o profundo poço social existente entre setores privilegiados e a grande massa dos excluídos desde o processo de colonização. E, claro, o governo Brizola foi o responsável pela promoção de todo o pensamento social e educativo de Darcy Ribeiro, formulador da Universidade Necessária com a UnB e de uma escola modelo para o povo pobre com os CIEPs.

Marcando grande diferença face ao resto da "esquerda" brasileira, esse pensamento foi radicalmente praxiológico. Muito antes que Hugo Chávez, Evo Morales ou Kirchner, Brizola, já em 1959, estatizou duas empresas norte-americanas, a companhia elétrica *Bond and Share* e a de telecomunicações *ITT*. Foi o primeiro político brasileiro a realizar a reforma agrária. Enfrentou os cipaios da Rede Globo, perante os quais esquerda ou direita sempre abaixam a cabeça. Seu governo no Rio de Janeiro foi o único esforço verdadeiro para fazer com que o povo preto e pobre dos novos quilombos urbanos tivesse os direitos constitucionais garantidos. Poderia ter sido presidente se tivesse existido eleitoralmente em São Paulo. Não surpreende que seu projeto político tenha sido paralisado exatamente pelos herdeiros dos bandeirantes.

Muito pouco se fala do seu legado. O livro de Giba Vasconcellos *A Jangada do Sul* está esgotado. Grande parte de sua herança política é distorcida e guardada a sete chaves pelo atual PDT. Há o documentário um tanto ufanista, *Tempos de Luta*, de Tabajara Ruas, e algumas entrevistas e vídeos no *Youtube*. Mas o que verdadeiramente resiste de Brizola é seu ressoar nas favelas cariocas e nos rincões gaúchos. Memórias que precisam ser reescritas, ações que precisam ser relidas. Agora que a névoa petucanista começa a se dissipar e novos horizontes precisam ser definidos, temos que ser *Angelus Novus*. É hora de pegar os restos da jangada e retraçar nosso rumo ao Sul. ■

JOÃO GABRIEL ALMEIDA (Rio de Janeiro, 1991) é formando em Letras-Português e bolsista do Programa de Ensino Tutorial Letras – UFSC.

CALIBAN FILMS/COLUMBIA PICTURES

A arte da tragédia

O filme de Polanski, de 1971, está à altura do texto escrito, em 1611, por Shakespeare, justamente por mostrar um pouco mais do que a peça esconde

JASON DE LIMA E SILVA

"Nenhuma arte revela / como havemos de ver, na face, por inteiro, / A natureza da alma. Ele era um cavalheiro / Em que muito confiei." Quem diz isso é Duncan, o rei de toda a Escócia. O rei está com sua escolta, recém seus exércitos enfrentaram o rei da Noruega, por pouco não sucumbem em razão de um traidor, senhor de Cawdor, a quem o rei dirige a frase, o cavalheiro em quem o rei muito confiou. Se a arte é própria do humano, que arte é capaz de revelar completamente quem somos? Quem somos a uns e outros? É ingenuidade pensar que sempre seremos os mesmos para uns e outros, e para nós mesmos. E é por isso que podemos melhorar e piorar como seres humanos, a qualquer tempo, no pensamento mais gratuito ou na ação mais calculada. A evidência da traição do senhor de Cawdor coincide com a repetição de um nome, cujos testemunhos fazem coro à sua coragem e avivam seu sucesso na tropa contra os noruegueses: Macbeth.

A arte da tragédia revela, em boa medida, a contradição que move nossas vidas e que silenciosamente remove nossos corações. "O belo é feio e o feio é belo", diz uma das bruxas no início da peça. O trágico da vida não é a morte, mas a não coincidência entre o que pensamos e o que acontece em nossa vida, tensão entre o que desejamos e o que podemos a cada tempo. Macbeth, com seu companheiro Bancho, mais adiante dirá: "Nunca vi dia assim, a um tempo belo e feio", no momento em que encontram as bruxas e é anunciada a profecia por diferentes vozes, "Salve Macbeth, tu de Glamis já herdeiro / Salve Macbeth, teu nobre Cawdor também/ E também serás rei!" Se uma parte de nós sempre aparece, e aparece a cada vez que vivemos com outros e falamos e brincamos e pedimos ou esperamos, outra parte de nós permanece oculta, porque se modifica, é movida por impulsos dados a cada circunstância. Eles podem nos surpreender e também nos escapar: são nossos quereres sem fim, que sempre querem mais e que sofrem algumas vezes por não saber o que exatamente podem querer, nem o que de fato querem poder, ou melhor, o que suportam poder. "Estrelas, apagai vossa luz, apagai. / Que a vossa luz não veja, estrelas, o que vai / De negro e de profundo em meu desejo", pensa Macbeth, após a proclamação do primogênito do rei como príncipe de Cumberlândia.

Macbeth já é senhor de Glamis. Seu sucesso na guerra, simultaneamente à traição do senhor de Cawdor, lhe confere também esse título, já no início do drama. Com tal poderio, Macbeth está a um passo de ser rei, o oráculo das bruxas o acusam, Glamis, Cawdor e rei por fim, rei de toda a Escócia. "Tenho medo, no entanto, / Da tua natureza", diz sua esposa, Lady Macbeth, "Está cheia, a fartar, / Do leite da ternura humana para achar / Um caminho mais curto. E tu queres ser grande / Não te falta ambição que em tua alma se expande / Mas tu não tens, Macbeth, a precisa maldade". Macbeth, um homem terno, um guerreiro virtuoso. E a esposa não deixa de provocá-lo, assim como seus próprios desejos intimamente já o provocam, é só mais um passo, um passo que o coloca no conflito entre a coragem do soldado ambicioso e o medo que faz de seu poder o princípio de uma morte sem fim. Por isso o rei Duncan nunca para de sangrar, por isso os mortos voltam, sempre voltam durante a peça para assombrar Macbeth e sua bela senhora. A loucura se torna a conversão de um poder que não mais se domina, porque dominado pelo medo de perdê-lo. Claro, o fato de se estar no poder não garante o governo, nem de si, nem de outros, e se o rei perde o domínio de si, sob o signo de um poder que o centraliza tanto na paz quanto na guerra, como manter soberanamente o governo dos outros, entre o céu e a terra? Profecia e ato se alternam e se complementam perfeitamente sob a égide de um destino sem autor, porque todos são atores de uma catástrofe em comum. Haverá redenção possível?

A tragédia *Macbeth* foi escrita por volta de 1611. O filme *Macbeth* de Polanski é de 1971. O filme está à altura da peça. De um realismo, é certo, mais realista do que a tragédia: o que a tragédia oculta, por vezes o filme mostra. As virtudes do teatro antigo não comprometem as do cinema, e o cinema quer mostrar cada vez mais o que pode. Polanski repete a beleza dos versos shakespearianos, abre cenas que parecem quadros que abrem pinturas, o belo e o terrível, e mostra o suficientemente para não trair a si mesmo e seu cinema contemporâneo, nem, por outro lado, comprometer a inteligência dramática do teatro de Shakespeare. Sem exatamente enumerar, penso serem os que seguem pontos fundamentais para um debate sobre o filme e a tragédia no nosso tempo: Se mais poder é poder mais, é possível suportar sempre o que se pode? As paixões, como a ambição e o medo, também não podem sobre nós a ponto de nem mais suportarmos poder, nem mais sabermos o que querer? A loucura do poder, nesse caso, não seria a conversão de um querer não poder mais, fadado à impossibilidade da reversão dos fatos, cujo único caminho acentua a contradição entre o ideal de nosso desejo e o real de não se poder desfazer o que foi feito? Se queremos do poder o começo de uma ação sempre adiante, à guisa de possibilidade sem fim, como aceitar o que já não podemos mudar, sem deixar de pensar no que ainda assim, de alguma maneira, o quisemos? "Esses atos não são para ser comentados / depois de feitos", diz Lady Macbeth ao marido com as mãos ainda sujas de sangue, "pois nos farão tresloucados". ■

JASON DE LIMA E SILVA (Florianópolis, 1975) é professor de Filosofia (UFSC), e autor do livro *O Homem que Ficou Vesgo* (Editora Insular, 2007).

DIVULGAÇÃO

(Des)Orientação psicodélica

Nessun Dorma, dos Skrotes, é a culminação de um ciclo que começou com as recriações dos primeiros shows e que evoluiu para elaboração de um repertório genuinamente original

FABIO BIANCHINI

A última vez que Santa Catarina teve um grupo que era tão claramente A BANDA a ser escutada naquele momento foi há quase 20 anos, no tempo que o Dazaranha levou entre ser a nova sensação e o lançamento do primeiro disco, *Seja Bem Vindo*, em 1996. Nesse intervalo, cristalizaram uma estética para o *pop-rock* florianopolitano que por algum tempo fez parecer que surgia um novo *mainstream* local. Acabou não indo muito em frente por uma série de razões, entre as quais não dá para desprezar a péssima escolha de nome para batizar aquela cena: o rótulo que mais chegou perto de grudar foi "mané beat", claramente (claramente demais) inspirado no Mangue Beat de Pernambuco, surgido poucos anos antes.

Com *Nessun Dorma*, primeiro álbum dos Skrotes, que saiu em CD em janeiro e em vinil em junho, a história é outra. É pouco provável que eles inspirem, pelo menos a curto prazo, uma cena de bandas instrumentais com origem *punk* e tendências *prog-rock* a ser o novo *pop* local porque, bem, não existem tantas bandas instrumentais com origem *punk* e tendências *prog-rock* assim e, mesmo se existirem, o que *Nessun Dorma* propõe não são canções prontas para serem cantadas (ou, sei lá, assobiadas, já que não tem letra) em rodas de violão.

O disco, viabilizado por *crowdfunding* (financiamento coletivo), na verdade, é a culminação do ciclo que começou ali no

finalzinho da década passada, quando começaram a chamar a atenção primeiro pelo nome (que todo mundo pensava ser piadinha com os Strokes, mas na verdade homenageia a dupla Skrotinhos, do quadrinista Angeli), depois pela série de shows em casas pequenas que iam ficando cada vez mais lotadas. Nessa época, a divulgação boca a boca invariavelmente citava as recriações para músicas de Ramones, Lady Gaga, Tchaikovsky, Stevie Wonder, Black Sabbath e outros. As transformações que impunham a essas músicas eram ainda mais importantes que o ecletismo do repertório. Um amigo chegou a reclamar que havia um certo fator "adivinha qual é a música" limitando o tempo de validade do grupo naquele esquema.

A evolução até chegar a *Nessun Dorma* está documentada nos EPs gravados anteriormente, principalmente os dois que levam apenas o nome da banda, lançados em 2011 e 2012. O primeiro apresentava as tais versões de Ramones, Tchaikovsky e Lady Gaga, mas já apontava o futuro com a bossa-*jazz* que vira *funk-metal* "Arco da Velha". O segundo, lançado como *download* com uma revista do selo SIC Music, afastava o risco de ser só a brincadeira do repertório engraçadinho. O samba neurótico de "Noinha", o longe-instrumental de "Manabu" e o *funk* com texturas *blaxploitation* de "Intervalinho" mostram a música tomando mais densidade sem deixar de ser brincalhona e vivaz. Nesse contexto, o terceiro EP, *Deboche ñ é crime*, do final de 2013, soa mais como uma parada para respirar enquanto não saía o álbum, que já estava gravado: são mais quatro versões presentes nos shows da banda: Sepultura, Black Sabbath, Stevie Wonder e Tom Jobim.

E assim chegamos a *Nessun Dorma*. A faixa de abertura, "TP", parece primeiro simular hesitação, mas logo fica claro que é momento em que os Skrotes se veem invencíveis. O comecinho *tecnopop* com *funk* Guerra nas Estrelas dá lugar à grandiosidade quase clássica nos timbres dos teclados, seguida por uma rápida tranquilidade de um sambinha enfumaçada, antes de voltar às cenas de batalha espacial, agora parecendo mais sinistra.

O tom, cinemático mesmo, não é interrompido pela vinheta, que simula um comercial de TV canastrão, no início de "Baixa Ajuda". Pelo contrário, torna ainda mais visual o *reggae* cercado por rasantes de aviões e insetos à espreita, como uma patrulha no mato. A história sugerida pelo disco é conturbada e não linear, com paradas, pianos românticos, sons distorcidos de baixo e sintetizadores, *funk*, *discothéque* triunfante em que a qualquer momento pode irromper uma briga, mas que na verdade era o tempo todo um saloon de faroeste, como se fosse um sonho. A desorientação é psicodélica, como a confusão de quando o pensamento começa a mergulhar em si mesmo em ciclos, mas revela novas camadas e texturas a cada vez. Mesmo faixas curtas, como "Dr. Italo", com pouco mais de dois minutos, passeiam por diferentes motivos musicais.

A abertura do lado B do disco puxa as coisas de volta para a realidade, mas não muito: "Abre Alas/Libertonho" traz o vocalista da banda gaúcha Ultramen, Tonho Crocco, lembrando pelo telefone o episódio em que foi processado por gravar um *rap* contra parlamentares que votaram o aumento do próprio salário. A narrativa de Crocco é tratada com efeitos e acompanhada por uma recriação inspirada no "Libertango" de Astor Piazzolla.

O final feliz só vem mesmo à medida em que "Vou Para Bahia" vai sossegando. Junto com um batuque que parece feito com instrumentos de brinquedo, uma voz infantil anuncia que "a mamãe tá fazendo sopa". A exclamação que encerra a música e o disco (não vou entregar tanto assim o final) também é nossa.

Para ouvir: *http://skrotes.com.br/* e *http://skrotes.bandcamp.com/*

FABIO BIANCHINI (Florianópolis, 1974) é jornalista e músico, trabalha na TV UFSC e na Agecom.

FOTO MARCELO CASAL JR./AGÊNCIA BRASIL

Business e volantes

O "Desastre do Mineirão" foi produzido quando foi adotada, em detrimento da técnica, a revolução física para fortalecermos os nossos possíveis talentos e vendê-los cada vez mais jovens

MAURICIO MULINARI

Na fatídica goleada de 7 a 1 para a seleção alemã, o chamado "Desastre do Mineirão", chamou a atenção a diferença no modo de jogar dos volantes das duas equipes. Enquanto jogávamos com Luís Gustavo (um cabeça de área nato) e Fernandinho (orientado por Felipão para primeiro desarmar), a Alemanha jogava com Kroos e Schweinsteiger, dois ex-meias armadores recuados para a frente da defesa. Enquanto tínhamos os famosos "volantes mordedores", por lá eles jogavam com volantes extremamente técnicos. Qual a razão disso?

A razão, tanto para brasileiros como para alemães, é uma só: a revolução na preparação física levada a cabo nos últimos 20 anos. Com a introdução pesada da tecnologia no futebol, as linhas ofensivas e defensivas dos times passaram a jogar com uma distância entre 30 e 50 metros, ou seja, extremamente compactas. O motivo: um jogador percorre hoje entre 7 e 10km em média em um jogo, ao passo que, nos anos 1980, isso ficava entre 4 e 7km.

O resultado prático é que, como os jogadores correm mais, o espaço diminui, o campo "diminui". Ou seja, aumenta a necessidade de qualidade técnica para os atletas criarem jogadas de gol. Não há mais lugar para jogadores que só desarmam. A função de desarmar é coletiva e não mais individual. Isso significa o fim dos cabeças de área.

Praticamente nenhum grande time do mundo joga com cabeças de área. Todos jogam com armadores extremamente técnicos na frente de suas defesas. Aliás, defensores hoje também são técnicos.

Não é por acaso que antigos meias, como Schweinsteiger, por orientação de bons treinadores, passaram a aprender a jogar à frente da zaga, sem que isso implique jogar recuado. Os volantes assumiram uma nobreza antes destinada só aos meias. E é por isso que tomamos um "baile" na semifinal. Se não houvesse o "apagão", o placar seria, no mínimo, uns 4 a 0.

Já no Brasil, o que fizemos? Orientados pelo nosso modelo exportador, pela dependência que condiciona nossa economia subdesenvolvida, adotamos a revolução física dos últimos 20 anos à nossa maneira. Passamos a precisar de jogadores fortes para, ainda muito jovens, serem vendidos para as ligas europeias, asiáticas, para os petrodólares árabes, etc. Empresários da bola — novas figuras de destaque dentro das categorias de base — passaram a levar pacotes de atletas muito jovens, mas com boa condição física, para o exterior. Pouco investimento e altos lucros em pouquíssimo tempo: *business*.

Com a desculpa de ser uma "carta de alforria" para os atletas, a Lei Pelé fortaleceu os empresários da bola, sempre associados aos cartolas, e as categorias de base dos times nacionais tiveram sua função completamente desvirtuada. Os garotos franzinos, bons de bola, deixaram de ser artigos produzidos em larga escala para se tornarem raridades (e Neymar é uma exceção entre as raridades).

Com isso, sem produção de craques e com necessidade de vender os poucos bons jogadores formados ainda muito jovens, nossa liga nacional perdeu qualidade. Passamos a viver de, como bem disse em artigo recente o grande Tostão, "correria, estocadas e bolas aéreas". Abandonamos o meio de campo aos jogadores corredores e aos truculentos. O resultado, plasmado na cabeça de um treinador que se criou dentro desse modelo, foi o que se viu diante da Alemanha: um grande vazio no meio campo, do qual os excelentes Kroos e Schweinsteiger se aproveitaram.

Em vez da revolução física e técnica alemã, adotamos, em razão do nosso modelo exportador, apenas a revolução física em detrimento da técnica. Aliás, a técnica de nossos jogadores nunca veio das escolinhas de futebol, como ocorre na Europa. Ela veio do "terrão", da "várzea", das ruas de calçamento irregular. O menino aprendia a driblar para fugir dos buracos, aprendia a dominar em terreno hostil, aprendia a ser "malandro" para fugir das pancadas, aprendia a ter personalidade. Daí vinha a identidade do futebol nacional.

Nosso modelo exportador, comandado por cartolas, empresários da bola e mídia, favoreceu a formação de uma safra medíocre, sem personalidade, dominada pela indústria cultural e pelas assessorias de imprensa. Perdemos nossa identidade para formar jogadores europeus, para o futebol europeu, mas sem a estrutura do futebol europeu.

A grande imprensa agora exige mais profissionalização, copiar os alemães, reforçar ainda mais o modelo exportador. Mas não podemos copiar a Europa. Não obstante, o resgate da identidade nacional também passa longe de um saudosismo pela Seleção de 1982, pois precisamos ter em mente que a revolução física modificou completamente o modo de jogar futebol.

Nenhum modelo pronto funcionaria no atual momento. É preciso criar o novo e atacar interesses consolidados. Rede Globo, CBF, federações estaduais de futebol, clubes, empresários da bola, cartolas, todos precisam ter suas posições colocadas em xeque. Como exportamos garotos promissores, que sequer chegaram a encantar os nossos torcedores, temos uma liga medíocre que espanta o público dos estádios. A garotada que aprecia o bom futebol prefere acompanhar as ligas europeias.

Movimentos como o Bom Senso F.C. e personalidades como o combativo Romário são um sopro de esperança de que podemos mudar. Mas a disputa apenas começou.

Perder para a Alemanha talvez fosse até natural, em outro contexto. Quem praticou esporte sabe que a derrota ensina que não podemos ganhar sempre. Entretanto, não podemos aceitar passivamente a mediocridade do nosso Campeonato Brasileiro e a dilapidação da nossa identidade nacional. ■

MAURICIO MULINARI (Xanxerê, 1988) é economista, graduado pela UFSC, e assessor econômico da Fecomércio SC.

Ayrton Cruz

(Florianópolis, SC, 1971) é designer gráfico há 27 anos. Começou trabalhando em gráfica, atuou em várias editoras, agência de publicidade e jornal. Entre revistas, jornais, livros e outras publicações, a fotografia apareceu por acaso, mas se tornou frequente no dia a dia de trabalho com a proximidade de vários fotógrafos profissionais, no tratamento de imagens e edição.

Site: www.facebook.com/ayrton.cruz.39
Contato: ayrton.a.cruz@gmail.com

"Dizem que uma boa fotografia não precisa de legenda, mas vai aí uma para ambientar a ocasião. A foto foi tirada um dia após a derrota por 7x1 para a Alemanha. A bandeira estampada no capô de um Fusca sob a chuva que soou, talvez, como choro ou um lamento que 'surpreendeu' os brasileiros crentes no sucesso da sua Seleção."